

## AS REPRESENTAÇÕES DE NATUREZA NA MÚSICA DO PAMPA GAÚCHO

VIRGÍNIA TAVARES VIEIRA<sup>1</sup>; PAULA CORRÊA HENNING<sup>2</sup>;

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande - FURG 1 – vi\_violao@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Universidade Federal do Rio Grande - FURG – Paula.c.henning@gmail.com

### INTRODUÇÃO

A música é um instrumento de grande importância para pensarmos os diferentes atravessamentos sociais, políticos, econômicos, culturais que constituem a nossa sociedade. Estabelecer um diálogo entre música e sociedade, nos possibilitaria entender, bem como problematizarmos as tramas e significados que nos atravessam, constituem e nos fazem ver o mundo de determinadas formas. Pensando nisso, o estudo que apresentamos tem como objetivo investigar como se constitui um discurso de natureza do Pampa Gaúcho por meio da música pampeana. Para dar conta de respondermos a essa investigação, tomaremos como *corpus* discursivo algumas obras artísticas que estavam e estão intimamente atrelados a cultura do Rio Grande do Sul. Acreditamos que o estilo de música escolhido para esta pesquisa, justifica-se por entendermos que esta arte expressa à vida e a cultura do homem e suas relações com as paisagens naturais do Pampa. Ressaltamos que o estilo de música pampeana escolhido para esta pesquisa são os ritmos como a Milonga, o Chamamé, a Chamarrita, entre outros.

### METODOLOGIA

Neste estudo vimos à música como uma importante ferramenta para problematizarmos como vem se constituindo saberes referentes a natureza do Pampa Gaúcho. Apreendemos a música pampeana como importante artefato cultural capaz de produzir significados ao narrar à história de nosso Estado, seus hábitos, tradições e suas culturas muitas vezes atreladas a vida campeira e as paisagens naturais do Pampa.

Sendo assim, selecionamos como metodologia da pesquisa algumas ferramentas da Análise do Discurso a partir de Michel Foucault, operando especificamente com os conceitos de discurso e enunciação para que possamos colocar em suspenso algumas verdades tidas como já sabidas sobre a região pampeana. Ressaltamos que nossa proposta não se vincula a analisar os autores e compositores de tais obras, pois como nos diz Foucault (2012) “fica-se, tenta-se ficar no nível do próprio discurso” (p. 59). Sendo assim, não buscaremos desvendar o que está oculto no discurso, nem mesmo o que está nas entrelinhas. Por isso, nos interessa o dito, somente o dito, tomando o discurso em sua exterioridade. Amparado nos ensinamentos do filósofo francês, entendemos discurso como um conjunto de coisas ditas em um determinado tempo e lugar que ao serem colocados em funcionamento produzem saberes e verdades em nossas vidas. Sendo assim, questionamos: que verdades vêm sendo inventadas, fabricadas sobre o Pampa nas últimas décadas, que desempenham um papel importante na história e na cultura desses sujeitos que tanto enaltecem estas terras? Além disso, nos interessa estudar sobre as relações de poder e saber que se entrelaçam a essas verdades que nos fazem olhar para o Pampa de uma forma e não de outra. Como argumenta Sampaio “se é no discurso que se conectam poder e saber, é também por meio do discurso que se distingue o verdadeiro do não verdadeiro” (2012, p. 93).

### CULTURA E NATUREZA

Somos constituídos por um discurso naturalista e romântico de natureza que se instalou em nossa sociedade, principalmente a partir do século XVIII, com o movimento da virada cultural e reforçado pelo movimento romântico do século XIX. Mas não foi sempre assim! Segundo Guimarães, “há uma multiplicidade de formas de ver, narrar e se relacionar com a natureza” (2008, p. 88). Segundo o autor, essas diferentes visões são dadas a partir da história e da cultura na qual estamos inseridos. Se adentrarmos a história do mundo ocidental, veremos as diferentes formas pela qual a natureza vem sendo contada e significada na cultura, desde as grandes navegações dos séculos XV e XVI: ora uma natureza paradisíaca, exuberante, ora uma natureza selvagem, temida.

Pensando a atualidade, gostaríamos com este estudo, problematizar a visão que hoje temos de natureza, principalmente no que tange a região pampeana, alocada especificamente no sul do Rio Grande do Sul. Em uma pesquisa prévia, pudemos observar o quanto se faz presente na música pampeana peculiaridades que descrevem os hábitos e costumes dos sujeitos principalmente em sua relação com a paisagem natural. De acordo com Dos-Santos (2012), “o pampa é horizonte do viver e das relações socioculturais de diversos povos que ali se encontraram ao longo dos anos, desde os indígenas até os nossos contemporâneos” (p. 51). Para o autor ela é “peculiar e característica”, pois carregamos a herança de nossas colonizações luso-espanhola, indígena, africana, alemã e italiana.

Um campo a se estender imenso e plano onde céu e campo se encontram no horizonte – é desta paisagem que gostaríamos de falar neste estudo. A Pampa, região de terras planas, conhecida também como região Platina, compreende os territórios do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina. Os campos do sul, outra forma de referir-se ao Pampa, abarca uma área de aproximadamente 700 mil km<sup>2</sup>. Segundo dados do Ministério do Meio Ambiente, só o estado do Rio Grande do Sul, ocupa uma área equivalente a 176 mil km<sup>2</sup>. A região do Pampa é caracterizada por uma vegetação composta por gramíneas, plantas rasteiras, árvores, arbustos, serras, morros e coxilhas. Outra característica dessa região são os banhados, como o Banhado do Taim localizado no sul do Rio Grande do Sul, bem como o Banhado de São Donato, este situado entre os municípios de Itaqui e Maçambará na fronteira com a Argentina, ambos reconhecidos como reservas ecológicas. A região pampeana é considerada rica por sua biodiversidade, com diversas espécies de plantas, gramíneas, leguminosas, além de aves e mamíferos.

No que tange a questões culturais sobre o Pampa, Braun nos diz que,

[...] a planície sem fim que vai do Rio Grande do Sul aos contrafortes dos Andes na taiga da Cordilheira. É o campo imenso – a predeira, dos centauros campesinos, rio-grandenses e platinos, titãs da raça campeira. Vem do Quíchua – e quer dizer, o campo aberto – a planura, o descampado – a lonjura, a várzea que se destampa. Nele a liberdade acampa e o civismo não estanca. Animal cabeça branca também é chamado de Pampa (p. 254 - 255).

De origem indígena o termo Pampa representa mais do que terras divididas geograficamente entre os países do Mercosul. Esse amplo espaço de terras compartilha culturas, hábitos de vida e costumes que fazem parte da nossa história, bem como da cultura do gaúcho e desse povo *pampeano* que atravessam as fronteiras.

Tendo como intenção colocar em suspenso a forma como vem sendo narrado a natureza do Pampa gaúcho, apresentamos abaixo um trecho da música “Me comparando ao Rio Grande” de Iedo Silva

Sou grito do quero-quero/No alto de uma coxilha/Sou herança das batalhas/Da epopeia farroupilha/Sou rangido de carreta/Atravessando picadas/Sou o próprio carreteiro/Êra boi, êra boiada [...] **Sou a cor verde do pampa/Nas manhãs de primavera/Sou cacimba de água pura/Nos fundos de uma tapera/Sou lua, sou céu, sou terra/Sou planta que alguém plantou/Sou a própria natureza/Que o patrão velho criou [...]** (Me comparando ao Rio Grande – Iedo Silva) [Grifos nossos].

O trecho apresentado nos salienta elementos bastante comuns ao homem do campo gaúcho e que contribui para a constituição da paisagem natural destas terras como o quero-quero, a boiada, as coxilhas, “o rangido das carretas e a cor verde do pampa”.

Com isso, ressaltamos a importância de olharmos para música como um importante artefato cultural que é capaz de (re) produzir discursos, saberes e verdades diante desse entrelaçamento entre cultura e sociedade. Como nos diz Teixeira (1978) na música Céu, Sol, Sul, Terra e Cor [...] *Fazer versos cantando as belezas desta natureza sem par/E mostrar para quem quiser ver, um lugar pra viver sem chorar [...]* este é o Pampa, este é o meu Rio Grande do Sul. São narrativas como essas e tantas outras que descrevem o Pampa. “Coxilhas, pés roseteados de campos, terra e cor, enfim, uma natureza sem par”! É colocando em suspenso verdades como essas, descrita em letras de música que ao longo da história vêm nos ensinando o que é o Pampa, bem como a forma como se dá a relação desses sujeitos com as paisagens naturais. O exemplo referenciado acima, nos reporta a ideia que há um mundo “natural” constituído em oposição ao mundo humano. Há também um ideal de natureza “verde”, onde tudo que se planta cresce e na qual o homem aparece como um ser não pertencente a esse espaço natural.

Ao discorrer sobre a importância da cultura e as multiplicidades de vermos, narrarmos e relacionarmos-nos com a natureza, Guimarães ressalta que

[...] é na cultura, nesse espaço de circulação e de compartilhamento de significados, que vamos aprendendo a lidar com a natureza e, também, vamos estabelecendo nosso lugar no mundo, ou seja, sabendo quem nos tornamos dia a dia. Essa nossa inserção na cultura, no momento histórico em que vivemos, nos faz ver e estabelecer relações com a natureza de determinadas formas. Nesta direção, podemos nos perguntar: há uma única maneira de narrar, ler e ver a natureza? (GUIMARÃES, 2008, p. 88).

Ao colocar em circulação enunciações referentes a natureza, a forma como nos relacionamos com o mundo natural, com o meio ambiente e a ação do homem no planeta, entendemos que artefatos culturais como a música, vão reproduzindo e constituindo discursos e verdades relacionados ao campo da Educação Ambiental. Ressaltamos que, por verdade, entendemos [...] “um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados” (FOUCAULT, 2011, p. 14). Segundo esse autor, a verdade é produzida, fabricada a partir de discursos que fazemos circular como verdadeiro, ou seja, quando elegemos aquilo que deve ou não funcionar como verdade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossas perspectivas com este estudo é que por meio da música pudéssemos suscitar o pensamento, provocando novas discussões no campo da Educação e da Educação Ambiental, entendendo esta arte como uma importante ferramenta para pensarmos como vem se dando a constituição de saberes referentes à natureza do Pampa Gaúcho. Queremos atentar para novas discussões acerca de questões pouco problematizadas por nós: que entendimento se tem de natureza e cultura? Como salienta Guimarães, “que possamos nos instaurar nas fissuras da Educação Ambiental, pensando políticas que possam nos remeter a construção de coletivos de natureza e culturas não permeados” (2008, p. 99). Talvez Foucault nos ajude a entender essas fabricações de verdades que vão constituindo modos de ser, viver e se relacionar no mundo. Que pudéssemos voltar nosso olhar para arte, entendendo-a como um artefato cultural de função política e social capaz de criar novos modos de relação entre sujeito, sociedade, cultura e natureza.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAUN, J.C. **Pátrias – fogões – legendas – Vocabulário Pampeano**. Porto Alegre: Edigal, 1998.
- DOS-SANTOS, J. D.T. **Lúcio Yanel e o Violão Pampeano: memória(s), história(s) e identidade(s) de um fazer musical no sul do Brasil**. 2012. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Curso de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. 8ª Ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.
- GUIMARÃES, L.B. A importância da história e da cultura. **Inter-Ação** : Ver. Fac. Educ. UFG, v.33, n. 1, p. 87-101, 2008.
- SAMPAIO, M. V. S. **“Uma floresta tocada apenas por homens puros...” Ou do que aprendemos com os discursos contemporâneos sobre a Amazônia**. 2012. 296 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.